

Oposição acha que país está de joelhos

CLAUDIA DE SOUZA E
REJANE AGUIAR

SÃO PAULO – O professor de direito Roberto Mangabeira Unger, conselheiro do candidato do PPS, Ciro Gomes, para assuntos de economia, e o economista e ex-deputado Aloísio Mercadante, vice-presidente do PT, se uniram ontem em argumentos contra a atitude do governo diante da crise financeira. Para eles, o país não deve e não precisa aceitar a recessão que vem aí, produzida pela alta dos juros e a redução dos gastos do setor público.

Segundo Mercadante, em vez de se sujeitar mais uma vez ao receituário do Fundo Monetário Internacional (FMI) e ficar esperando um empréstimo externo, o Brasil deve assumir a atitude aguerrida que mostrou no passado. O economista do PT lembrou que o Brasil soube usar a Grande Depressão de 1929 para promover o processo de substituição de importações. “O país não pode ficar de joelhos agora”, disse o vice-presidente do PT.

Fechamento – Pode ser impossível fechar a economia brasileira como se fez na década de 30, “mas é melhor do que aceitar a recessão e ficar esperando um empréstimo de fora”, argumentou Mercadante. Para ele, trata-se de um momento em que

o país poderá mudar o rumo de suas políticas, realocando recursos como os do BNDES para voltar a crescer.

“Esta é uma crise de oportunidades e não um problema”, afirmou Mangabeira Unger, com o sotaque americano adquirido em anos de vida acadêmica nos Estados Unidos. Num seminário da Internews que discutiu o cenário nacional pós-eleições, o assessor da campanha de Ciro Gomes disse que o Estado não pode continuar refém de grupos privilegiados, como o “lobby das exportações”, e deveria criar maneiras novas de fazer a poupança alimentar a produção, e não os investidores do mercado financeiro.

O deputado Delfim Neto (PPB-SP), candidato à reeleição, apoiou o pronunciamento do presidente Fernando Henrique Cardoso. “O presidente precisará de credibilidade num eventual segundo mandato e o anúncio de medidas fiscais antes da eleição dá credibilidade a Fernando Henrique”, comentou.

Segundo Delfim, qualquer mudança a curto prazo na política cambial está descartada. Sua avaliação é de que, com ajuda internacional, o ajuste terá custo menor para o país. “É melhor fazer o ajuste com ajuda externa”, acrescentou. Delfim insistiu que a saída é o crescimento baseado no aumento das exportações.